

CHRIS PAVONE,

autor de *Os impostores*

O MANUSCRITO

Um texto anônimo,
um segredo mortal,
24 horas para
desvendar o mistério



ARQUEIRO



O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratemplos da vida.

Para Mem.

“É possível ser bem-sucedido sem
cometer nenhuma traição?”

Jean Renoir

PRÓLOGO

Ele acorda apavorado. Busca por alguém pelo quarto, esquadrinha as sombras mais escuras no ambiente, no qual a única iluminação é a claridade azulada do luar. Num impulso, senta-se e inclina a cabeça para o lado, alerta aos ruídos. Estende a mão e pega a arma.

É só nesse momento que, mais consciente de tudo, percebe por que acordou. A arma é inútil. Ele a devolve para a mesa de cabeceira, ao lado da garrafa d'água. Bebe um gole demorado, mas a agitação em seu estômago faz com que ele leve alguns segundos para conseguir engolir.

Caminha até o fim do corredor, para o escritório que se resume a uma mesa e uma cadeira em frente à janela. O reflexo da lua brilha no lago de Zurique, a uma quadra do amontoado vitoriano de tijolos e ferro coberto de glicínias onde ele está, com o perfume das flores entrando pelas janelas.

Ele move o mouse para que o monitor se acenda, digita sua senha e clica no link para uma transmissão ao vivo. A câmera está instalada no alto de um quarto escuro e focaliza uma mulher deitada na cama, lendo. Ela dá uma tragada num cigarro e bate com ele de leve no cinzeiro de vidro.

Ele desvia os olhos da imagem invasiva para o pequeno teclado sob o computador. Pressiona algumas teclas rapidamente e, com um clique suave, as gavetas se destrancam.

Pega a pilha de papéis presa por um grosso elástico verde. Folheia, procurando o texto que identificava a cena em sua cabeça. Vira dez páginas para a frente. Em seguida, cinco. Depois, volta duas. Corre o dedo pelo papel e encontra, no pé da página 136, o que sua mente lhe mostrou durante o sono, no meio da noite. Uma palavra. Duas letras.

Eu.

E ele pensava que não tinha deixado passar nada.

É o terceiro rascunho do manuscrito e também o último. O primeiro ele escrevera em primeira pessoa, mas não seguindo o próprio ponto de vista. O plano inicial era fazer um livro de memórias com autoria de outra pessoa, mas escrito por ele... ou com sua colaboração como coautor. Eles ainda não tinham decidido sobre a natureza exata de seu crédito.

Então, as circunstâncias mudaram. Ao retomar o trabalho, reformulara a história a partir de sua perspectiva. Seria um livro mais honesto, mais transparente.

Depois que terminara e relera tudo, ele mudara de ideia. Decidira que precisava se esconder atrás da onisciência, do anonimato, para criar uma sombra de dúvida sobre a autoria do livro. Para dar a si mesmo uma chance de sobrevivência. Então se debruçara sobre o manuscrito, revisando tudo e mudando o tratamento para a terceira pessoa. Excluía trechos que já não faziam sentido e acrescentara partes e capítulos.

Tinha sido um grande trabalho de edição, mas nem um pouco incomum. Esse tipo de coisa acontece o tempo todo quando se reescreve, faz revisões e reconsiderações. Escritores fazem um pente-fino em cada página, mudando o ponto de vista, substituindo substantivos e conjugações verbais. Seguidamente, milhares de vezes.

Ainda assim, é normal que deixem passar um ou dois pronomes. Apenas um pequeno engano, um erro de digitação... Não é uma questão de vida ou morte.

EPÍLOGO

Não existe no mundo uma única pessoa que possa comprovar tudo o que está nestas páginas.

Mas há uma pessoa que pode chegar perto disso: o protagonista, Charlie Wolfe. Há outras pessoas que poderiam, se devidamente motivadas, confirmar certos fatos. Talvez este livro seja a motivação para essas testemunhas, um impulso para revelarem suas verdades, para comprovarem esta história.

Mas o autor não é uma dessas possíveis testemunhas. Porque, se o que você está lendo for um livro concluído, impresso, encadernado e distribuído para o mundo, é quase certo que eu já esteja morto.

FIM

PARTE I

manhã

1

Pouco antes do amanhecer, Isabel Reed lê a última folha. Seu batimento cardíaco acelera no meio da página. Boquiaberta, seus olhos percorrem cada linha, à medida que alcança o parágrafo final, ansiosa para chegar à revelação e confirmar suas suspeitas. Retém o fôlego até as últimas linhas.

Isabel lê a última frase, o pequeno ponto final de tinta, e solta a respiração. Meu Deus.

Está perplexa com a dimensão da história e desapontada porque o que esperava não se confirma. Furiosa com o que pode significar e aterrorizada pelos perigos que aquilo representa. Acima de tudo, magoada com a imensidão da traição. Das traições.

Pousa a página em cima da grande pilha de papel apoiada na colcha da cama, ao lado de um pacote amassado e do cinzeiro de cristal no qual pontas de cigarros transbordam, um presente de aniversário ligeiramente sarcástico de um colega de trabalho do tipo passivo-agressivo. Segura o manuscrito com as duas mãos e alinha as páginas. Percebe que está tremendo. Tenta se recompor respirando fundo. Há quatro palavras centralizadas no alto da página:

O acidente

Autor anônimo

Isabel olha para o outro lado do quarto, para a escuridão da janela panorâmica, a parede marcada por sombras mal definidas, um vazio agressivo invadindo o casulo de seu lar. O quarto está escassamente iluminado por uma pequena arandela de leitura, instalada acima da cabeceira da cama. Na vidraça da janela, o reflexo da luz paira acima dela, como um pequeno sol iluminando o topo de sua cabeça, criando um halo de anjo.

Só que ela não é um anjo.

Sente o corpo tenso e a mandíbula se contrai num espasmo de raiva. Tenta reprimi-la mordendo o lábio, a fim de manter um mínimo de controle.

Afastando a colcha para o lado, faz um esforço para erguer o tronco. Há horas não muda de posição e suas pernas e costas estão doloridas. “Velhas”,

se tivesse que escolher uma palavra para definir suas articulações. Balança as pernas, os pés procurando os chinelos forrados de lã.

Na parede, compridas prateleiras de alumínio enfileiram-se, repletas de pilhas bem-arrumadas de originais, os nomes dos autores escritos nas lombadas com caneta hidrográfica preta de ponta grossa. Dezenas de milhares de páginas de propostas de livros, oferecendo uma variedade de entretenimento e informação.

Parece que os mais jovens hoje só leem os originais em leitores digitais, mas Isabel se sente desconfortável, não natural, sentada ali com o aparelhinho em mãos. Ela tem idade suficiente para se sentir congenitamente desconfortável com as novas tecnologias. Quando começara seu primeiro trabalho, nem tinha computador em sua mesa. Um ano depois, passara a ter.

Talvez use uma dessas coisas digitais no próximo ano, mas, por enquanto, ainda prefere virar páginas físicas, fazer anotações com canetas, cercar-se de pilhas de papel como se fossem tijolos, fortificando-se contra o inevitável ataque do futuro. No caso de *O acidente*, não teve muita escolha. Embora quase todos os novos projetos sejam entregues eletronicamente, não foi o caso deste.

Segue arrastando os pés pelo breu do corredor. Acende as luzes da cozinha, liga a cafeteira e a pequena televisão, enchendo o apartamento silencioso e solitário com os ruídos da vida eletrônica.

Isabel passou o dia lendo o manuscrito freneticamente, na esperança de descobrir uma afirmação que soasse falsa ou um único fio solto que desmanchasse toda a narrativa, só que a página 1, lida no escritório de manhã, tornou-se a página 200 e alguma coisa, já em casa, à noite. Adormeceu em algum momento depois das onze da noite, tendo passado da metade do livro. Acordou às duas da madrugada sem acalmar a mente, ansiosa para voltar à história. As pessoas que trabalham com livros sempre alegam que “não conseguiram largar”, “ele me fez ficar acordado a noite inteira” ou “li todo em um dia”.

Desta vez, era verdade.

Assim, Isabel pegou de novo o manuscrito e retomou a leitura. Lembrou-se vagamente do tempo em que Tommy era bebê e ela ficava acordada num mundo adormecido. Períodos muito distintos e com motivações muito específicas. Naquela época da vida era normal estar acor-

dada às quatro da manhã, quando o silêncio cobre a cidade e ouve-se apenas o sussurro de uma estrada de ferro em Nova Jersey ou o lamento distante de uma sirene de ambulância. Depois, há o baque inevitável do jornal no capacho e o início de um novo dia, mesmo que ainda esteja escuro lá fora.

Nada do que encontrou nas 488 páginas lhe pareceu falso. Ela levanta o rosto e encara o rosto do âncora na televisão, sintonizada em Wolfe... Aquele filho da puta desgraçado...

Sua raiva cresce e ela perde a cabeça.

Arremessa o controle remoto do outro lado da cozinha, fazendo-o se espatifar contra a porta da geladeira e cair com estrépito no chão. Em seguida, o silêncio e o tamborilar suave da pilha rolando pelo azulejo.

Isabel sente as lágrimas descendo-lhe pelo rosto e as enxuga.

A cafeteira chia e cospe as gotas finais dentro do vidro temperado. Isabel olha o relógio, que muda de 5h48 para 5h49 no canto da bancada bem-organizada, um estudo em ângulos retos de aço escovado. Isabel é uma defensora apaixonada dos alinhamentos perfeitos. Até demais, diariam alguns.

Abre a porta da geladeira, agora marcada pelo arranhão do controle remoto, e tira a garrafa de leite, colocando um pouco na caneca. Depois, segura a alça de plástico da jarra da cafeteira e termina de preencher a caneca com a cafeína quente, densa, amarga, revigorante. Toma um pequeno gole, depois um maior. Enche a caneca até a borda e enxuga as lágrimas pela última vez.

Volta para o corredor, agora iluminado, onde se alinham as fotografias que guardou do apartamento de casada. Agora é uma mulher solteira num novo bairro, longe das lembranças dolorosas de sua vida na parte baixa da cidade, onde deparava com mães de mais. As mulheres que tinha conhecido nos parquinhos, nas lojas de brinquedos, nas academias de ginástica, em mercearias e cafés, na entrada da escola e na sala de espera do pediatra. Todas aquelas crianças crescendo, Emmas e Stellas em graciosas sainhas pregueadas, Gabriellas e Julias com cachos desgrenhados e jeans justos em motonetas; todos aqueles pais com ar satisfeito, burgueses e boêmios daquela parte da cidade, descaradamente orgulhosos da precocidade de sua prole.

Ela havia comprado um apartamento de um quarto na parte alta da

cidade, o tipo de apartamento que uma mulher escolhe quando aceita o fato de que não vai viver mais com outro ser humano. Atingira aquela idade, aquela fase, em que um estilo de vida se torna permanente: é o que é e sempre será, até a sua morte. E procurava deixar sua solidão o mais confortável possível. Com cuidados paliativos.

Se não fosse alérgica a gatos, teria provavelmente uns dois deles circulando por ali, examinando-a com ar de desdém.

Isabel revestiu as paredes de seu lindo corredor novo – assoalho de parquê, sancas trabalhadas, tomadas estrategicamente posicionadas – com fotos emolduradas. Lá está ela, uma criança sorridente no colo da bela mãe no parquinho perto do museu, a duas quadras da Park Avenue, um lugar muito acima das posses de seus pais.

Em seguida, de mãos dadas com o pai notavelmente pouco ambicioso, começando a quarta série na escola pública de uma cidadezinha no Vale do Hudson, depois que foram para sua “casa de campo”, a antiga propriedade da família que estavam vendendo aos poucos, parcelas de meio acre que sustentavam sua vida.

Mais adiante, de beca e capelo, oradora oficial na formatura do ensino médio, não tinha como destino Harvard ou Yale, nem mesmo uma faculdade estadual de primeira linha, mas uma particular de segunda – talvez terceira? – no norte, porque oferecia bolsa integral, incluindo hospedagem e alimentação, e não implicava viagens caras para fora do estado. O percurso de carro levava apenas algumas horas.

Seus pais a chamavam de Belle – ainda chamam. No entanto, quando teve idade suficiente, não aceitou mais que usassem o apelido. Começou a insistir em ser chamada pelo nome.

Isabel tivera a intenção de fazer pós-graduação, estudar literatura americana, talvez ensinar na universidade. Mas esse plano ruiu quando ela teve uma boa compreensão da realidade das finanças pessoais. Aceitou o que achava ser um trabalho de curto prazo numa agência literária – um dos colegas do pai era um editor famoso – com a absurda expectativa de que conseguiria poupar dinheiro para pagar a faculdade dentro de um ou dois anos. Foi incentivada por um modesto sucesso num ambiente de trabalho agradável e uma coisa acabou levando a outra. Além disso, nunca economizou um centavo. Ao chegar aos 25 anos, já não pensava mais em pós-graduação.

Quase nunca.

E lá estava ela, dentro de um vestidinho preto básico no palco de uma cerimônia, recebendo um prêmio em nome de um autor que, na ocasião, encontrava-se na América do Sul, buscando sua nova história. E radiante num vestido longo branco e rodado, no meio do grupo fotografado com lente panorâmica, a noiva de 36 anos e suas damas de honra, no casamento com aquele homem que ela havia começado a namorar apenas oito meses antes, com pouco tempo disponível, perfeitamente disposta a fechar os olhos para os óbvios defeitos e traços de personalidade dele... até ser tarde demais.

Canalha.

Ainda se espanta com a rapidez com que a juventude passara diante de seus olhos, como suas opções haviam se reduzido drasticamente. Apenas uma ou duas más escolhas de relacionamentos – um sujeito que, como ficou provado, nunca iria se comprometer; outro que era um cretino disfarçado – e as opções infinitas de seus 20 e tantos anos transformaram-se na minguada seleção de seus quase 40, agora dizendo sim a todos os homens não assustadores que a convidam para sair em festas ou surgem em bares. Às vezes, quando o sujeito estava às margens da aceitabilidade, ela dava seu nome do meio, caso precisasse se esconder atrás do escudo impenetrável de uma alcunha. Ao longo dos anos, teve muitos encontros com homens que pensavam que o nome dela era outro. Metade do tempo, ela se sentiu satisfeita com a mentira.

Outra foto, menor, deitada na cama de hospital com Tommy nos braços. Pequenininho, vermelho e zangado, embrulhado em seu cobertorzinho listrado e de touca azul. Isabel voltou ao trabalho após os três meses regulamentares, mas nesse período tinha acontecido algo que ela aceitou com vaidade complacente. Seu marido começou a ganhar quantidades exorbitantes de dinheiro, de modo que Isabel contratou uma governanta e uma babá. Antes que percebesse, levava uma vida aparentemente invejável: quatro dias de trabalho por semana, um carro reluzente na garagem – que dirigia do apartamento impecável até a casa de praia elegante –, um bebê perfeito e um marido rico, divertido, inteligente e bonito...

Pura ilusão.

Ela se detém na última foto, em preto e branco, no centro de uma grande moldura branca. Um menino risonho numa praia rochosa, correndo do

mar calmo, com boias nos braços. Isabel põe a mão nos lábios, dá um beijo nos dedos e o transfere para o menino. Como faz todas as manhãs.

Segue até o banheiro. No caminho, desabotoa a blusa de flanela, desamarrar o cordão das calças do pijama e tira a calcinha. A água quente castiga seus ombros tensos e cansados. O vapor ondula em rajadas espessas, sai pela porta do banheiro e invade o quarto. O som da água escorrendo enche seus ouvidos, abafando o barulho da televisão e do mundo.

O que exatamente vai fazer com o manuscrito? Lava o cabelo, lambe o lábio superior, desloca o peso de um lado para outro, em pé sob a ducha, aturdida e desarmada, angustiada. Tudo em cima dela: a água, o manuscrito, o menino, o passado, a velha culpa, a nova culpa, as verdades aterradoras, o medo pela carreira e talvez, agora, por sua vida.

Enfia-se num roupão branco, espesso e macio, e seca o cabelo com a toalha. Desembaça o espelho e examina seus olhos cansados e avermelhados, com rugas nos cantos. A iluminação do banheiro não a está ajudando esta manhã. Havia muito tempo se acostumara a não dormir bem, mas, cada ano que passa, fica mais difícil esconder as evidências físicas da insônia.

Do outro cômodo vem o tagarelar irrelevante das notícias diurnas, os dramas insignificantes sobre arrecadações de bilheteria, mesquinhas indiscrições conjugais, abuso de drogas por celebridades. O vapor recobre o espelho e ela nota as grossas gotas de condensação que escorrem da borda chanfrada superior do vidro, abrindo caminhos estreitos de nitidez em meio à névoa, linhas claras e finas nas quais pode vislumbrar seu reflexo...

Algo está diferente. Um choque a percorre, um lampejo de uma imagem, um suspense hitchcockiano. Algo naquela raia clara e fina mudou. A luz mudou, agora há uma escuridão, uma sombra...

Mas não é nada, constata. Apenas o reflexo da televisão do quarto, mais imagens do noticiário internacional de ontem. Hoje ela precisa considerar as notícias sob uma luz inteiramente nova. Agora e sempre.

Veste um elegante conjunto de saia e blazer azul-marinho, sobre uma blusa branca engomada, e calça seus sapatos de salto baixo. O traje típico para quem quer ter uma boa aparência, sem se preocupar exatamente com estar na moda. Seca os cabelos louros com o secador e os escova. Aplica maquiagem e coloca as lentes de contato. Examina a si mesma no espelho

de corpo inteiro – aparência cansada, indiscutivelmente de meia-idade – e suspira, desapontada. Três horas de sono restringem os limites do que a maquiagem pode disfarçar.

Checa de novo a parte inferior da primeira página de *O acidente*: “Contato com o autor: 40004026@worldmail.net.” Já enviou dois e-mails nas últimas doze horas. “Terminei o livro. Como podemos conversar?” Aperta o botão de Enviar. E mais uma vez recebe a frustrante mensagem de endereço desconhecido.

Isso não faz sentido. Quem se daria ao trabalho de escrever um livro desses e depois sumir do mapa? Então ela vai continuar tentando, forçando-se a acreditar que há algum problema técnico, algo que pode ser resolvido. Olha para seu notebook: as gradações de cinza das várias janelas na tela, a moldura prateada do próprio aparelho. O pequeno círculo preto na parte superior, a câmera do tamanho de uma cabeça de alfinete que ela nunca usa, nem mesmo considera.

Ela poderia queimar o manuscrito agora, usando os fósforos compridos de lareira que uma tia avarenta enviou para comemorar a casa nova. Poderia fingir que nunca o lera, que nunca o recebera. Poderia apenas esquecer o assunto.

Ou poderia ir às autoridades, explicar o que aconteceu, deixar que elas lidassem com a questão. Que autoridades? Não a CIA, certamente. O FBI?

Ou levar o assunto até a mídia – o *The New York Times*, a CNN...?

Ou, quem sabe, falar com o presidente. Durante um minuto ela pondera se uma agente literária famosa poderia fazer o presidente dos Estados Unidos vir ao telefone. Não.

Ou pode fazer o que ela sabe que deve: publicar o livro o mais rápido possível e se proteger de maneira discreta, esperando que a onipresença inevitável da publicidade – o caráter público da história, o peso de suas acusações – a proteja. Ela não poderia ser presa ou morta na frente de todo o mundo. Ou poderia?

Isabel pega o celular e a cigareira de prata que está em cima da lareira de mármore, sob sua única e exclusiva obra de arte. Sai para o terraço e acende um cigarro. Dá uma boa tragada e expele a fumaça em direção ao céu. Debruça-se no parapeito e analisa a escuridão, os verdes e negros de aparência sinistra do Central Park, a linha do horizonte da Quinta Avenida, o céu azul e a bola de fogo alaranjada surgindo no horizonte. Aquela vista

é espetacular, em seu terraço cheio de plantas, envolto em tons neutros, meticulosamente projetado por um profissional.

Parece que ela tem uma vida boa.

Sabe que é a inevitável agente literária para aquele projeto. E também conhece o editor perfeito para adquirir o manuscrito, um amigo apaixonado por teorias conspiratórias, que não se importará com quão ridículas elas sejam. Ele costuma se dar muito bem com esse tipo de livro. Aparentemente existe um bom mercado. Vai adorar publicar outro do gênero. Especialmente este, sobre essas pessoas.

Mais uma vez, Isabel tenta combater o medo que brota dentro dela. Dá uma tragada final no cigarro, bate com ele no cinzeiro, depois joga o filtro relativamente inofensivo para o alto, e ele parece pairar no ar por uma fração de segundo, como o Coiote do desenho animado, antes de cair, fora da vista.

Percorre a lista de contatos do celular, encontra um número e faz a ligação.

2

Hayden enfia o marcador de livros na apostila de islandês. Coloca o volume pesado sobre seu caderno de espiral, os dois junto a uma pilha mais alta de obras de referência, manuais com capa de vinil parecendo novos e brochuras surradas em estágios diferentes de preservação, algumas coladas com fita adesiva ou amarradas com grossos elásticos.

É cada vez mais fácil encontrar essas obras digitalmente, mas Hayden prefere segurar os livros, correr os olhos pelo alto das páginas e pelas colunas de texto, procurando uma palavra, uma imagem, um fato. O esforço, acredita ele, reforça o aprendizado. Tem idade suficiente para reconhecer que existe um universo finito de informação que absorverá no que resta de sua vida: quer aprender tudo isso direito.

Deita-se no chão, faz cinquenta flexões e cinquenta abdominais; sua minimalhação do final da manhã. Veste por cima da camiseta uma camisa

social de punho virado, prende as abotoaduras esmaltadas, amarra a gravata. Coloca o paletó esporte e olha-se no espelho, enquanto ajusta o lenço no bolso.

Foi durante seu primeiro posto no exterior que começou a usar lenços de bolso, simples e de linho branco. Queria parecer um jovem funcionário americano, ambicioso e convencional, o tipo de sujeito que sai de Groton direto para Harvard e, de lá, para a Europa. Surpreende-se ao constatar quantas decisões tomadas naquela época, quando a idade adulta parecia se estender indefinidamente à frente, acabaram se tornando permanentes. Carreiras e passatempos, cônjuges, crenças políticas, preferências literárias, penteados, lenços de bolso...

Os raios de sol entram pelas portas francesas, lançando uma luz viva no piso, nas paredes de tijolos brancos, no estofamento, no inevitável móvel dinamarquês de teca. A cozinha fica ainda mais clara por causa dos reflexos dos aparelhos. É quase ofuscante.

A porta da frente, de madeira trabalhada, está coberta por centenas de camadas de tinta. Arranhadas, lascadas e profundamente estriadas, revelam uma camada inferior de verde-claro aqui, uma de azul-escuro ali. Ele pega uma caixa de fósforos do bolso, tira um e o insere entre a porta e o batente.

Pássaros cantam na rua arborizada e salpicada de claridade. A bicicleta de Hayden está estacionada em meio a dezenas de outras no bicicletário desarrumado da calçada larga, a poucas quadras do Palácio de Amalienborg. Ele monta nela e pedala calmamente pelas ruas tranquilas, até chegar a seu destino: o sisudo prédio de tijolos em Kronprinsessegade que abriga a coleção David, uma das principais reservas do continente daquilo que constitui seu novo passatempo: a arte islâmica. Passa meia hora examinando artefatos medievais do emirado espanhol, de uma época em que Córdoba era a maior cidade da Europa Ocidental. Córdoba, logo Córdoba.

Hayden Gray, afinal, é um adido cultural. Tem um grande escritório luxuoso na Pariser Platz, 480 quilômetros ao sul dali, na embaixada americana, junto ao portão de Brandemburgo. Sua residência oficial continua sendo Munique, mas suas novas responsabilidades exigem aparições regulares em Berlim. Claro, a capital alemã sempre foi um fascínio para Hayden, aliás, para qualquer pessoa em sua linha de trabalho. Los Angeles

tem a indústria do cinema e Paris tem a moda, mas Berlim é a terra da espionagem. Por outro lado, não se trata de uma cidade particularmente atraente, e as coisas interessantes nela – uma cultura jovem e vibrante e a energia ilimitada de sua vida noturna – não o atraem. Por isso, ele prefere não morar lá.

De volta à bicicleta, segue pela exuberante vegetação do Jardim do Rei, atravessa a ponte e, ao entrar em Nørrebro, encontra vida nas ruas: uma mistura de jovens artistas e imigrantes recentes, bares alternativos ao lado de casas de kebab. Mal prende a bicicleta, nota os pingos rápidos e sutis, mensageiros da chuva iminente.

Hayden corre para empurrar a porta lustrosa, sobe um comprido e íngreme lance de escadas e entra num apartamento de pé-direito alto e grandes janelas, despojado e quase vazio. O lugar onde ele dormira nas últimas duas noites era alugado – fazia 25 anos, para ser mais exato – e ficava do outro lado do centro de Copenhague. Mas este, em Nørrebrogade, tinha sido providenciado às pressas havia uma semana pela mulher que agora está sentada à janela, com um binóculo na mão.

– Olá – diz ela, sem se virar.

Ela o vê pelo reflexo da janela.

– Alguma coisa?

– Não. Um tédio.

Hayden chega perto dela e observa além da imensa iluminação da rua, suspensa por fios acima da avenida, a loja na calçada em frente e o apartamento em cima da loja.

Ela o avalia rapidamente com um olhar.

– Bela gravata – comenta. – Tem alguma coisa interessante para mim hoje?

– Sempre tenho. Vejamos... Ah, essa é boa: Thomas Jefferson e John Adams morreram no mesmo dia.

– Na mesma data?

– Não, no mesmo dia: 4 de julho de 1826.

Ela se vira para ele.

– Mentira.

– É verdade.

– Hum. Dou nota 9.

– O que me falta para um 10?

– Vou saber quando ouvir.

Ela se volta outra vez para a janela, retoma sua vigília.

Hayden tira os óculos de aro de tartaruga e usa seu lenço de linho irlandês para limpar as lentes. Ao terminar a limpeza minuciosa, segura-os contra a luz para avaliar se alguma parte ainda está suja.

– Isso está levando muito tempo – comenta ele.

Num tom simpático, ele espera.

– Está demorando uma eternidade – concorda ela.

Hayden sabe que ela quer ir para casa, para Paris. Voltar para seu marido, seus filhos, seu apartamento perfeito em Saint-Germain-des-Prés. Faz um mês que vem perambulando pela Europa atrás de uma pessoa. Um homem evasivo, inteligente e perigoso.

– Por que tenho de ser eu a ficar aqui?

Ele observa uma mulher bonita na rua, pedalando devagar sob a chuva, uma das mãos segura o guidom e a outra, um guarda-chuva, que cobre tanto ela quanto o grande cesto na frente que carrega três crianças pequenas de capas de chuva e chapéus combinando.

– Veja bem, não falo dinamarquês nem conheço Copenhague. Não sei nada sobre esse cara – insiste ela.

Através da janela do outro lado da rua, o homem desgrehado senta-se à sua mesa, como sempre virado de perfil. Jens Grundtvig – estudante e escritor em meio período, drogado em período integral – às vezes digita no computador, às vezes apenas move o mouse, pesquisando, e às vezes fica ao celular, coletando citações e conferindo fatos. Grundtvig parece trabalhar no projeto de outro homem, e a tarefa de Hayden é encontrar esse outro homem. Depois de três meses, Jens Grundtvig é a única pista substancial de Hayden.

– Porque confio em seus instintos – responde Hayden. – Parafraseando Proust: você, querida, é a jardineira encantadora que faz minha alma florescer.

Ela solta uma risadinha desdenhosa. Sabe que parte daquilo pode ser verdade, mas também sabe que Hayden não está lhe contando tudo. Aceita ficar na ignorância por enquanto; faz parte do acordo entre eles.

A verdade é complicada, como sempre. E a verdade é que esta operação é inteiramente clandestina, não há registro dela em lugar nenhum. As despesas da equipe – aquela mulher no apartamento, os dois homens

estacionados nas esquinas do quarteirão, além dos outros dois que estão de folga – são financiadas por uma conta na Suíça. São todos freelancers clandestinos, caixa dois.

– Você é uma heroína – diz Hayden, dando um tapinha no ombro dela.

– É o que não paro de dizer ao meu marido – acrescenta ela –, mas ele não acredita.

– Uma heroína, Kate... Uma verdadeira mártir.

3

O celular tocando, o medo de ter perdido a hora e o barulho do noticiário na televisão arrancaram Jeff Fielder do abraço de um sono agitado.

Ele esfrega os olhos e esquadrinha o pequeno quarto procurando o maldito aparelho. Há livros, jornais e revistas empilhados por toda parte... em cima da escrivaninha, das mesas laterais, até no assoalho de tábua corrida. Uma garrafa quase vazia de uísque está no chão. Teria ele tomado um pouco ontem à noite, quando chegou em casa? Ao lado da garrafa, o segundo romance de sua ex-mulher, o que ela escreveu depois de tê-lo abandonado, largando também seu emprego na revista e deixando Nova York. Antes mesmo que Jeff percebesse que sua vida estava desmoronando, o pessoal de televisão em Los Angeles já se interessava pela triste história do fim de seu casamento.

Ele lê o livro de modo intermitente, sobretudo quando está bêbado. Sara é uma boa escritora, precisa admitir. Mas, por motivos óbvios, ele abomina aquilo.

Jeff estende a mão para uma coisa preta e brilhante, derrubando no caminho uma pilha de papéis que descansava no assento de uma cadeira preta Windsor, e descobre que a coisa que agarrou é um porta-óculos, não o celular.

Outro toque estridente agride seus ouvidos, seu cérebro. Ele percebe um vislumbre de luz vermelha piscando lá no chão, debaixo da prova de um livro.

– Alô?

As três letras pareciam um coaxar de sapo, como se sua boca estivesse cheia de algodão, por causa da ressaca.

– Jeffrey?

Ao som da voz dela, ele se senta rápido demais e sua cabeça gira. A contragosto, seu coração dispara sempre que ouve a voz de Isabel.

– Humpf.

– Você está bem?

– Hummm – diz ele, produzindo um ruído evasivo. Olha para a madrugada cinzenta na janela. – Não é um pouco cedo?

– Pare de choramingar – retruca Isabel.

Jeff não sabe se ela está brincando ou irritada.

– Não reclame comigo – diz ele. – Afinal, quem acordou *quem*?

Ela solta um riso abafado, funga; ele sabe que é por causa do *quem*. Pode haver um monte de significados até numa fungadela entre pessoas com uma longa história em comum.

– Estou fazendo um favor para você, “Sr. Quem” – responde ela, com a voz mais suave.

– Hum.

– Venha me encontrar para o café da manhã.

– Claro. Chego aí em três, quatro minutos, no máximo.

– Estou falando sério.

– Isabel. Hummm... que horas são, afinal?

– São 6h20. Tenho algo para você.

– Certo, mas não podia esperar até que, sei lá, eu pisasse no escritório? Ou pelo menos *acordasse*?

– Não.

– Por quê?

– Porque essa coisa é grande.

– Como assim? Muitas páginas? Você sabe que eu não...

– Não, seu idiota. Quero dizer... que é *gigantesca*.

Por muitos anos, Jeff ouvira de Isabel algumas definições em tom cáustico e outras que claramente revelavam pânico. Mas a maior parte ela falava a sério, e nenhuma era mentira.

– O que encontrou?

Ele está completamente acordado agora e sua cabeça já não gira mais. Lateja, sim, mas a tontura passou.

Talvez seja o livro que ele tanto esperava. A única coisa pela qual um editor acorda, sai para trabalhar, perde o sono. O livro que vai mudar sua carreira. Sua vida. Ao contrário de todos os originais medianos que se encontram em sua mesa agora. Em estágios diferentes, dezenas de ofertas de livros vêm sendo consideradas. Outras rejeitadas. Ou perseguidas sem muito entusiasmo. Ou ignoradas. Ou no limbo, ainda neutras, na fila para captar sua atenção.

– Estou esperando você.

– Ok, ok. No lugar de sempre?

– Isso. Às 7h15?

Ele dá uma risada.

– Que tal sete e meia?

Ela pondera, mas está ciente do princípio fundamental da negociação. Ele, por sua vez, fica tentado a permanecer em silêncio para deixá-la cavar mais fundo seu próprio buraco, mergulhar nas profundezas de seu desespero, descobrir quantas vezes vai ceder antes de forçá-lo a uma contraproposta. Mas trata-se apenas do café da manhã com Isabel.

– Melhor... Às oito.

– Quinze para as oito – retruca ela.

– Combinado.



Jeff sente-se um pouco melhor a cada segundo. Atravessa as pilhas de papéis e roupas amassadas, entre tênis e sapatos espalhados. Entra no boxe e abre o chuveiro, deixando a água correr; ela demora pelo menos uns dois minutos até esquentar. A pia antiga está lascada e manchada de ferrugem, com um remendo tremendamente antiprofissional no ralo, em que alguém parece ter usado corretivo líquido como vedante. E, por mais que ele substitua a carrapeta, um novo vazamento sempre aparece. Sempre. Tornou-se parte de sua rotina comprar e trocar carrapetas.

Ele é um faz-tudo não remunerado. O oposto disso, já que é ele quem paga 2.600 dólares por mês para consertar a droga da torneira, cuja água leva um bom tempo para esquentar.

Jeff deixa seu barbeador e sua toalha sob a água quente e se olha no espelho, desapontado com o que vê. O dia anterior havia terminado tarde no

escritório, debruçado sobre um manuscrito. Então, seu trabalho árduo foi interrompido por um telefonema fora de hora de um de seus autores, exigindo satisfações e alegando estar sendo levado à loucura pelo detalhismo exagerado do copidesque. Mason realmente usou a palavra “satisfações”, como se o cara quisesse desafiar o coitado do copidesque para um duelo.

– O que quer que eu faça? – perguntou Jeff.

– Vamos sair para beber – convidou Mason, bem prosaico.

Mason tem uma raiva generalizada, ao mesmo tempo aliviada e exacerbada por seu frequente excesso de bebida.

– Estou na esquina.

Jeff obedeceu, pois isso de vez em quando faz parte do trabalho: umas cervejas entremeadas por uma dose de tequila de cortesia aqui e ali, pontuadas por um prato de nachos repugnantes e um pedido horrível de costelas de búfalo com o acompanhamento patético de molho de queijo gorgonzola em copinhos de plástico e uns talos de aipo fibrosos e úmidos. Ouvir as reclamações de um autor, empoleirado ao seu lado na banqueta de um bar com a barba propositadamente por fazer – pelo jeito, uma obrigação contratual, hoje em dia, para jovens romancistas –, vestindo camisetas vintage meticulosamente escolhidas, vociferando sobre tudo o que os autores costumam vociferar. Era uma dureza.

Hoje seria um bom dia para não fazer a barba. Mas é terça-feira, dia da reunião editorial da semana, e os executivos vão estar lá. Assim, Jeff faz um grande esforço para se vestir de um jeito profissional. E geralmente se barbeia, com mãos um pouco trêmulas que o deixam nervoso, sobretudo em torno do pomo de adão.

Há alguns anos, o próprio Jeff foi vítima da moda e deixou crescer uma barba cheia, espessa no todo, embora esparsa em alguns pontos. A barba o fazia parecer um rabino. Se havia uma coisa com que Jeff não queria se parecer era com seu primo em segundo grau, o rabino Abe Feinberg.

Em vez da barba fracassada, Jeff começou a usar seu cabelo ondulado um tanto comprido. Seus amigos da faculdade, que ganham milhões em escritórios de advocacia e bancos de investimentos, não podem ter cabelos compridos. Mas Jeff pode, então deixou.

Arrumado, vestido e pronto para sair, Jeff leva uma chave inglesa até a pia do banheiro, remove a carrapeta e a enfia no bolso. No caminho, vai parar numa loja de ferragens e comprar uma nova.

Pega seu paletó esporte do armário da entrada, onde estão a sacola de golfe, os esquis, os bastões de beisebol, uma raquete de tênis com as cordas arrebrandadas, uma bolsa de lona cheia de bolas, sapatos, bonés e luvas, o entulho do atleta recreativo.

Na saída, nota que um envelope foi empurrado por baixo da porta. Desvia o olhar rapidamente, pensando que, se não o pegar, não precisa admitir que está ali, então pode não ser algo importante ou que sequer exista. Provavelmente o aviso de um aluguel atrasado ou mais uma linha na contabilidade de seu amplo portfólio de fracassos financeiros.



Chinatown mostra-se desperta, barulhenta e suja desde cedo. Quando Sara o deixou, Jeff não pôde se dar ao luxo de ficar no quarto e sala que tinham em Greenwich Village. Então se mudou para Mulberry Street. As pessoas acham que o endereço fica no meio de lojas e bares frequentados por gente bonita. E Jeff não faz questão de consertar esse equívoco. Na verdade, mora num trecho nada charmoso, repleto de restaurantes italianos medíocres.

Acontece que Chinatown é o único lugar convenientemente ao sul de Manhattan que Jeff pode pagar. Seu apartamento fica em cima de uma mercearia, que parece ser especializada em vários tipos de camarão seco, e perto de uma fábrica de bolinhos, numa rua entupida de turistas perambulando ao acaso, caminhões de entrega vomitando diesel e multidões de chineses circulando com suas sacolas de compras.

Jeff achou que seria legal morar em Chinatown. Talvez fosse, se tivesse 25 anos. Mas ele não tem. E, a esta altura da vida, detesta o bairro e as circunstâncias que o puseram lá.

Em pouco tempo, é provável que nem consiga morar em Chinatown. Entra no novo café da esquina, um daqueles estabelecimentos que especificam os produtores, as regiões e os níveis de acidez de seus grãos. Pede um *macchiato* de 3 dólares a uma mulher assustadoramente musculosa e tatuada, com uma camiseta regata e um solidéu, operando uma máquina que lembra um Lamborghini. O café é um aviso, que sinaliza a iminente jornada em busca de um lugar para alugar, mesmo um apartamento pequeno num prédio sem elevador cujo banheiro tem problemas de vazamento.

Ele se olha no espelho que ocupa a parede inteira, um editor de 40 e poucos anos vestindo roupa de professor universitário – calças cinza, paletó de lã, camisa azul, gravata de listras diagonais –, praticamente o padrão para as pessoas com seu tipo de trabalho, de seu tipo de faculdade. A única peça de boa qualidade é o paletó, que está ficando gasto, comprado com desconto numa liquidação especial no salão de baile de um hotel em Midtown, quando sua então namorada Sara tentava transformá-lo numa versão mais moderna de si mesmo. Ela sempre tinha acesso a liquidações especiais, convites com direito a acompanhante para inaugurações de restaurantes, entradas gratuitas para exposições de filmes. Privilégios fortuitos que permitem que jovens nova-iorquinos permanentemente falidos pareçam glamourosos.

Sara queria tudo. Ela queria sair toda noite, fazer parte de todas as listas de convidados. Queria estar entre os ricos e famosos; queria se tornar um deles. Iludiu-se com o início do relacionamento, quando Jeff a levava a cerimônias de premiação e lançamentos de livros, no tempo em que as pessoas ainda promoviam lançamentos como se fossem uma coisa natural. Haveria mais e mais, cada vez melhor, e seu marido bonito, bem-sucedido e bem-relacionado a ajudaria a se tornar importante.

Quando percebeu que ele não podia ou não queria fazê-lo, usou-o pela última vez para promover seu livro, no caminho em direção à saída. Esse livro já tinha sido até adaptado para uma maldita peça de teatro. Off-Broadway. Agora havia a possibilidade de virar filme.

Jeff ficava impressionado com o que certas pessoas se dispunham a fazer para promover suas carreiras. E ficou surpreso ao descobrir que se casara com uma delas. Casara-se com a mulher errada. Ou ela se casara com o homem errado. Ou as duas coisas.

Ele sai do café, para na calçada e contempla a parte alta da cidade, depois a parte baixa, sem muita certeza do que está procurando. Começa a caminhar rumo ao norte.

Jeff vai precisar de um comprimido para dormir esta noite. Vem dormindo mal nos últimos meses, rolando na cama, preocupado. Com tudo. Não só com o escritório, onde, deve admitir, é um peso morto há anos. Preocupado com toda a sua vida. Nunca lutou por aquilo que amava. Sequer admitiu que amava. Foi Sara quem lhe propusera casamento; foi Sara quem decidira que o casamento tinha acabado.

Mas logo tudo vai mudar. Logo ele terá outro grande sucesso profissional, como nos velhos tempos, e também poderá comprar um lugar decente para morar, pagar suas contas em dia, economizar para a aposentadoria.

Jeff se pergunta se todo mundo já percebeu sua estagnação: seus colegas, seu chefe, seus amigos da faculdade, os do início da carreira, Isabel. Será que as pessoas comentam que têm pena dele quando se sentam para conversar? Ele nunca havia considerado a possibilidade de ser um perdedor. Teria feito tudo errado esse tempo todo? Os perdedores percebem isso?

Essas dúvidas eram o motivo pelo qual ele havia tomado aquela decisão, três meses antes. A de crescer real e verdadeiramente, de fazer o que precisa ser feito para encontrar seu caminho no mundo como um homem adulto bem-sucedido, de estar disposto a fazer um sacrifício verdadeiro.

Ontem à noite, no bar com Mason, Jeff quase esperava encontrar aquele outro homem. O que o tinha abordado e feito aquela proposta bizarra naquele mesmo bar.

4

Triim.

Alexis está revirando sua bolsa à procura do celular, remexendo em chaves, batom, um pacote de pastilhas de menta e um pó compacto, cartões de lojas de ponta de estoque de sapatos e dois cartões de visita de jovens editores, o de uma mulher inglesa que conheceu numa festa e o de um cara que conheceu num bar e com quem flertava feito louca, à medida que a noite passava. Courtney felizmente a salvou: “Precisamos dar o fora daqui antes que você acabe indo para casa com um estranho e se arrependa amargamente.”

O identificador de chamadas avisa que Isabel, sua chefe, está ligando. São 6h51 da manhã.

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br